



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

MODO DO AUTOCONCEITO DE ROY: ANÁLISE DO “EU PESSOAL” EM IDOSOS

Tatiana Ferreira da Costa – UFPB – tatxianaferreira@hotmail.com

Kamila Nethielly Souza Leite – UFPB – ka_mila.n@hotmail.com

Smalyanna Sgren da Costa Andrade – UFPB – nana_sgren@hotmail.com

Kaisy Pereira Martins – UFPB – kaisyjp@hotmail.com

Kátia Neyla de Freitas Macêdo Costa – UFPB – katianeyla@yahoo.com.br

Introdução: No processo de envelhecimento aparecem algumas modificações que podem desencadear no indivíduo a necessidade de transformações, que estarão relacionadas à aceitação ou não deste processo por parte de cada um, e, também, aos valores e interesses assimilados ao longo da vida.¹ As sociedades veem o envelhecimento como fase de decadência, em que, no geral, o idoso é rejeitado do sistema produtivo e, por conseguinte, socialmente desqualificado. Nesse contexto, as mudanças da imagem corporal, as limitações econômicas e físicas, a indisponibilidade da família, a diminuição de desempenho de papéis e a cessação da atividade produzem a perda da identidade por parte do idoso, levando-o a desenvolver sentimentos de autodesvalorização, de baixa autoestima e prejuízo autoconceito. Diante disso, baseando-se na Teoria de Adaptação de Roy², em que a pessoa é entendida como sistema aberto que está em constante mudança interna e externa, mantendo a interação continua com meio ambiente, recebendo constantemente estímulos que exigem respostas, nas quais podem ser adaptativas ou ineficazes. Esses estímulos podem ser divididos em estímulos focais que são aqueles mais imediatos que constituem um maior grau de mudanças, gerando um forte impacto. E contextuais que são todos aqueles presentes na situação contribuindo para o efeito dos estímulos focais e os residuais, que são os fatores



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

cujos efeitos na situação atual não são centrais e a pessoa pode não ter consciência da influência destes fatores. Frente a isto, percebeu-se a necessidade de realizar este estudo com o objetivo de investigar o autoconceito em idosos, particularmente as respostas comportamentais e os mecanismos de enfrentamento desses idosos frente às mudanças psicossociais geradas pelo envelhecimento, contemplando o modo de autoconceito do modelo de adaptação de Roy² o “eu pessoal”, que é a avaliação da pessoa das suas próprias características, expectativas e valores.

Metodologia: Estudo de natureza descritiva, com abordagem qualitativa, realizado no Centro de Atenção Integrada à Saúde do Idoso (CAISI), localizado no município de João Pessoa-PB. Cabe destacar que esta pesquisa obedeceu aos aspectos éticos e legais preconizados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) no que tange a pesquisa envolvendo seres humanos.³ Desta forma, destaca-se que se obteve autorização da instituição e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley (CEP/HULW). Fizeram parte deste estudo sete idosos com idade igual ou superior a sessenta anos, capazes de responder por sua faculdade mental de forma independente e que aceitaram participar do estudo, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para a produção dos dados utilizou-se uma entrevista com a seguinte questão fundamentada no Modo de Autoconceito de Roy: Pensar no corpo envelhecido lhe traz que sentimentos? Após as entrevistas, as falas foram transcritas de forma fidedigna para subsidiar a análise dos dados, que foi realizada, inicialmente, por meio da identificação dos estímulos e das respostas adaptáveis ou ineficazes dos idosos frente às alterações do envelhecimento. **Resultados e Discussão:** O componente avaliado no modo do autoconceito foi o “eu pessoal”. Esse componente é dividido em três subáreas: o “eu consistência”, que se apresenta como um sistema de ideias visando dar sustentação ao “eu” e evitar o seu desequilíbrio; o “eu ideal”, relacionado ao que a pessoa espera ser ou é capaz de



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

fazer; e o “eu ético-moral-espiritual”, que consiste no seu sistema de crenças e sua auto-avaliação em relação aos outros.² Em relação ao “eu consistência”, destaca-se a presença do sentimento de tristeza quanto ao envelhecimento, como pode ser observado nas seguintes falas: *Sinto tristeza, mas tem que se conformar, não pode ser jovem de novo; e A gente sente uma tristeza né?! Pensando no que eu já fui, e agora estou em uma situação difícil.* Acredita-se que os sentimentos expressos pelos idosos podem ser resultado da alteração de identidade, gerado pela mudança de papel decorrente do processo de envelhecimento. As sensações de limitações, de dependência e, acima de tudo, de insegurança da própria condição de vida, podem afetar a autoestima dos idosos e sua percepção de ser, enquanto ser humano. Com efeito, quando um indivíduo, em algum momento, não aceita seu corpo tal como ele é pode ocorrer desequilíbrio.⁴ Nesse sentido, a baixa autoestima é um problema de adaptação, ao passo que vem acompanhada da presença de sentimentos de tristeza e desvalorização. Comumente, os valores contribuintes para a baixa autoestima são as limitações físicas e as mudanças corporais ocorridas.⁵ Com relação ao “eu-ideal” foi relatado pelos idosos o desejo de mudança da aparência física, conforme as seguintes falas: *Eu mudaria o cabelo, a pele, a boca que eu não tenho dente. Baixava a barriga; Tiraria as pregas, os dentes, pintava os cabelos. A vaidade ainda existe; e Mudaria a fisionomia e ficava novo.* As lembranças da juventude e o desejo de voltar a ter a aparência da mocidade são nítidas nas falas dos idosos e, em consonância, é visto a influência da sociedade sobre o estereótipo das pessoas. Nesse sentido, é percebido que a imagem corporal afeta tanto o “eu físico”, quanto o “eu pessoal”. No entanto, são observadas em alguns idosos, medidas capazes de superar as alterações da imagem corporal decorrentes do envelhecimento: *Quero assim mesmo, desse jeito, só queria meus cremes pra usar e remédio pra pele pra não ter doença, essas coisas, essas feridas, pra ficar com saúde e com a pele normal, sem cicatriz; e Eu não mudava nada não.*



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

Tô velho mesmo... Tem que se conformar. Nessas falas, percebe-se que, apesar das mudanças na aparência física, os idosos demonstraram comportamento de adaptação eficaz a essas alterações, sentimentos de conformação, quando aceita as mudanças ocorridas de forma positiva e de sublimação, ao tentarem minimizar os danos trazidos pelo envelhecimento. Os limites e as possibilidades de a pessoa alcançar total adaptação, no modo de autoconceito de Roy, referem-se ao pressuposto da integridade psíquica, como dependente da noção de *self* (noção do eu).⁶ O *self* envolve a representação mental da experiência pessoal e inclui processos de pensamentos, um corpo físico e uma experiência consciente de que somos separados e únicos em relação aos outros.⁷ **Conclusão:** Percebeu-se que os resultados atenderam ao objetivo proposto, pois gerou análise fundamentada no modelo adaptativo de Roy, segundo viés do autoconceito. Foi possível avaliar o “eu pessoal” por meio dos discursos que enfatizam atributos físicos negativos em relação à mudança emocional providas do envelhecimento, tais como: feiura, deformidade, sentimento de tristeza e insatisfação com a aparência atual, com desejo de modificá-la com fins de rejuvenescimento. Contudo, algumas falas reportavam aos mecanismos de enfrentamento diante das dificuldades vinculadas ao aumento da idade e das perdas da capacidade biológica, demonstrando a adaptação de alguns participantes diante dessa nova fase da vida, proporcionando momentos de resignificação e firmamento da identidade frente à idade. Neste caso, é importante a inserção de metodologias de desconstrução simbólica nas práticas de saúde, a partir da qualificação dos profissionais que lidam com os idosos, a fim de proporcionar a estes indivíduos mudanças de crenças inadequadas à percepção de si mesmo, favorecendo a busca do bem-estar e prolongamento da vida com qualidade.

Referências

1. Menezes TMO, Lopes RLM, Azevedo RF. A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2009;11(3):598-604. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n3/v11n3a17.htm>
2. Roy SC, Andrews HA. Teoria da enfermagem. O modelo de adaptação de Roy. Lisboa: Instituto Piaget; 2001.
3. Ministério da Saúde (Brasil). Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução Nº 196 de 10 de outubro de 1996: aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 1996. 83-91p
4. Abreu AM de, Oliveira BGRB de, Pereira ER, Silva RMCRA. Diagnósticos de enfermagem aos clientes submetidos à ostomia intestinal definitiva: uma reflexão existencial em merleau-ponty. J Nurs UFPE online. 2009 July/Sept [cited 2012 Dec 20];3(2):[about 6 p.].
5. Lira ALBC, Guedes CMV, Lopes VOM. Adaptação psicossocial do adolescente pós transplante renal segundo a teoria de Roy. Invest Educ Enferm. 2005 Mar [cited 2012 Dec 20]; 23(1): [about 9 p.].
6. Leopardi MT. Teorias e método em assistência de enfermagem. 2nd ed. Florianópolis(SC): Soldasoft; 2006.
7. Brandalize DL, Zagonel IPS. Um marco conceitual para o cuidado ao familiar da criança com cardiopatia congênita à luz da teoria de Roy. Cogitare Enferm 2006 set/dez; 11(3):264-70.